Amazônia para a ONU ver (I)

Biólogo diz que só união salva floresta

ROBERTO GUEUDEVILLE Especial para o CB

A Amazônia está ameaçada, mas ainda é suficientemente extensa e riça para resistir à depredação e oferecer ao Brasil e ao mundo o seu vasto potencial de riquezas de fauna, flora e minérios para o proveito de todos. Esta série de sete reportagens sobre a Amazônia, aborda as ameaças que pesam sobre a região mas também seus mistérios e suas soluções para muitos problemas atuais e futuros. A série pretende ainda mostrar à opinião pública, nacional e internacional, a Amazônia con o Quando se realizar no Brasil a Conferência das Nações

Basil a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente.
Esta série de reportagens sobre a Amazônia é aberta com os conceitos de um biólogo, Chillean T. Prance, que há 25 anos pesquisa a região e participou da instalação do Instituto Superior de Estudos da Amazônia, em Manaus. Autor de sete sugestões para a utilização racional da floresta e dos recursos naturais amazônicos, Prance defende uma simbjose entre pesquisadores, Políticos e governantes no senti-

do de se criar um sistema de responsabilidades para evitar a destruição da mata, somando-se também a experiência do povo amazônico, seus caboclos e índios.

De acordo com a teoria do biólogo, a simbiose é um fenômeno natural que sustenta a Amazônia. Ele diz que a partir dos resultados de suas pesquisas botânicas na região, poderia falar durante horas sobre a interações entre as diversas espécies e animais amazônicos. Cita o exemplo do besouro grande, que é o polinizador da vitória-régia, a flor mais bonita e famosa dos lagos amazônicos. E explica:

"Para sobreviver na floresta, a castanha do Pará tem que ser polinizada por uma abelha. Para viver, esta abelha depende do perfume de uma orquídea que atrai a abelha fêmea. Para germinar na floresta, a castanha depende da cotia, o único animal com dentes próprios para abrir o ouriço. Então, uma árvore grande, uma espécie de abelha "euglossini", diversas espécies de orquídeas e a cotia estão interreladiconados nesse processo de simbiose da natureza".



O desmatamento para criar pastagens é insustentável e ameaça destruir espécies importantes como são o mogno e a cerejeira

Destruição ameaça espécies

Sobre a destruição da floresta, afirma Prance: "Quero apenas destacar que muito do desmatamento está sendo feito por motivos irracionais. Muitos dos grandes projetos, especialmente para pastagem de gado, não são sustentáveis. Espécies importantes para o desenvolvimento futuro da região estão ameaçadas de extinção como o mogno ("swietenia macrophylla") no Para e Mato Grosso e cerejeira ("torresia acreana") em Rondônia".

A. Amazônia possui mais de cinco milhões de hectares de pastos degradados, violência praticada pela SUDAM e paga com incentivos fiscais. Segundo Prance, os políticos e cientistas "têm, ainda, a oportunidade de evitar a destruição total da região e implantar um desenvolvimento mais racional. A Amazônia será um grande deserto ou caatinga sem as espécies típicas da floresta como a castanheira, samaumeira e a seringueira ou será um floresta aproveitada ra-

cionalmente com a preservação de milhares de espécies da plantas e animais? Alguns caminhos para o aproveitamento racional da região amazônica exigem a cooperação das muitas disciplinas da ciência, com intensa troca de informações entre políticos e cientistas. Vou oferecer, apenas, sete sugestões que entendo importantes".

Há muitos anos, o cientista

Há muitos anos, o cientista da Amazônia, Felisberto Camargo (1951) destacou a importância das várzeas, na região. Já existem alguns projetos, mas ainda não há planejamento suficiente para o uso máximo dessas áreas, que são muito diferentes da terra firme porque têm solos enriquecidos pelas inundações anuais. Então há possibilidade de cultivo permanente nas várzeas, o que não existe na terra firme. "Precisamos desenvolver mais as várzeas — continua o biólogo — mas é preciso ressaltar que mesmo nessas áreas há diversas contraindicações".

Os indios têm experiência

O biólogo Prance, em sua terceira sugestão, apresenta o que poderia ser feito para o sucesso da colonização, os sistemas agroflorestais:

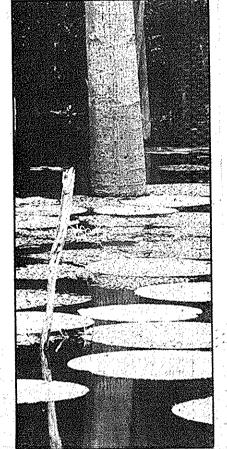
"O termo foi criado recentemente, na década de 1970, mas o uso dos métodos agroflorestais é muito antigo e data do próprio início da agricultura. Consistem na diversidade da cultura de espécies de árvores, arbustos e ervas, que se assemelham à floresta original. Na região amazônica esses sistemas de agricultura existem em várias tribos de índios e mesmo nas comunidades de caboclos bem aculturados". No Departamento de Loreto, Peru, existem trabalhos importantes sobre dois sistemas florestais, um entre os índios Bora (Denevan et al 1984), (Denevan e Padoch, 1988) e outro sobre os caboclos da cidade Tamshiyacu.

Os índios Bora têm roçados com uma grande variedade de espécies, intercaladas. Após a primeira safra de mandicoa, abacaxi, cará e outras plantas primárias, eles deixam crescer diversas espécies de arbustos e árvores úteis, como mapatí ("pourouma cecropifolia") e umarí ("poraqueiba sericea"). Depois de alguns anos, no lugar de um roçado abandonado, os Bora têm uma mata com plantas úteis que fornecem frutos, remédios, fibras etc.

Os caboclos da cidade de Tamshiyacu têm um sistema parecido ao dos índios, com as mesmas espécies. Existe um grande mercado para alguns dos frutos, como mapatí e umarí, na cidade de Iquitos. Também nesse sistema é plantada a castanheira ("bertholletia excelsa"), com produção após doze anos. A floresta útil é deixada mais ou menos 35 anos e depois é derrubada para a continuidade do sistema. Assim, toda a produção é aproveitada e nunca queimada. "O fato mais surpreendente" — frisa o biólogo — "é que a renda média

de uma família situa-se na faixa de cinco mil dólares por ano".

A quarta sugestão do cientista para evitar a destruição desne-cessária da floresta é a intensificessaria da noresta e a intensin-cação da agricultura. E esclarece: "Visitei um projeto de plantação de tomates, em Iranduba, do go-verno estadual. Encontrei, agora as plantas infestadas por pragas ("fusarium), pouca produção, menos de meia tonelada por hectare. Também visitei a produção de tomates da escola Adventista na estrada Manaus— Itacoatiara, km 85, e lá achei uma produção de 53 toneladas por hectare. Porque a diferença? É porque no sistema adventista existe intensistema de la deservação de la constant de la ficação. Usam o mesmo solo da região, mas com pasteurização para matar as pragas e um teto de plástico para reduzir a intensidade da luz. O sistema gera maiores despesas com adubos químicos e inseticidas, mas a produção rende bastante para compensá-las e a área ocupada é 106 vez menor que no primeiro".



Vitórias-régias e a mata submersa

Banco genético é prioridade

O banco genético é o assunto mais importante para o tratamento da nossa floresta. Considerando que a grande maioria dos ma-les da humanidade tem nela sua solução, fato que a literatura médica prova diariamente. Sobre o assunto, assim se manifesta o biólogo Prance: "A Floresta Amazônica é uma fonte importante de espécies de plantas úteis, como a borracha, cacau, castanha, guaraná, mogno, pau rosa, sorva etc. Cada produto vem de uma espécie botânica. A borracha, por exemplo, é extraída de duas espécies do gênero Hevea, "H. Brasiliensis" e "H.Benthamiana", mas na região há dez espécies do gênero. Existem, também, 150 espécies de 'paullinia", o gênero do guarana. Para assegurar o futuro de algumas das espécies vegetais mais importantes, as espécies selvagens são essenciais ê elas não vão sobreviver em áreas devastadas. Por essa razão, precisa-se de maior planejamento.

Proteção deve incluir várzeas

"Há espécies de plantas e animais endêmicos nas várzeas e que não existem na terra firme, por exemplo a madeira virola ("virola surinamensis"), a seringueira verdadeira ("hevea brasiliensis") e o açacú ("hura crepitans"). O uso indiscriminado da várzea certamente causará a extinção de muitas espécies. Por isso precisamos de reservas biológicas nas várzeas para preservar as espécies, mas, infelizmente ainda não existem grandes reservas nessas áreas" — diz Prance.

Pesquisas do Inpa e do Museu Goeldi e do cientista Michael Goulding (1980) mostram a dependência entre muitas espécies de peixes e a mata de várzea. Durante as enchentes, os peixes, por exemplo o tambaqui, entram na várzea para comer frutos e folhas. Para conservação da pesca - a fonte mais importante de proteína, na região - é necessário preservar grandes extensões de mata de várzea. Nas áreas cultivadas podem se plantar árvores importantes na alimentação dos peixes, como a seringueira, o fruto mais procurado pela piranhapreta; o jauarí ("astrocaryum jauari"), uma palmeira útil e a andiroba ("carapa guianensis"), fonte de óleo e madeira-de-lei. "Portanto", conclui Prance, "nas várzeas precisamos de um programa bem planejado de desenvolvimento e de conservação em reservas ecológicas e parques nacionais e estaduais. Cada estado da Amazônia deve ter pelo menos uma reserva de várzea de grande extensão".

Se a floresta reflete a presença do homem que a destrói, para formação de qualquer outra cultura, do seu interesse comercial, ela própria - caprichosa e inviolável — cria e mantém grandes áreas com uma só espécie, o que se chama monocultura natural. Essa é a segunda sugestão do biólogo Prance, que conta sua experiência: "Os ecologistas, com bastante razão, são sempre críticos quanto ao uso de monoculturas na região da floresta tropical". Existem áreas naturais de grande extensão, dominadas por uma só espécie.

Próximo a Manaus, caboclos continuam a atividade extrativa dando um exemplo de exploração racional

Buriti precisa ser pesquisado

"Recentemente, diz France, visitei o rio Jutaí, afluente do Solimões. Ali há uma área com mais de dez mil hectares de buriti ("mauritia flexuosa"), uma espécie de palmeira com muitos usos. Seu fruto produz óleo e a vitamina "A" que são muito aproveitados na Amazônia peruana: as folhas servem para cobrir casas e produzem uma fibra muito utilizada no Maranhão. A monocultura natural mais conhecida é o babaçu, ("orbygnia speciosa") também a espécie mais conhecida na região amazônica. Produz óleo combustível e comestível, sabão, ração de gado, carvão, lenha, farinha, álcool. Esta é uma planta com grande potencial e devemos estimular mais pesquisas sobre seu mais amplo aproveitamento".

O biólogo Prance adianta informações importantes quando diz: "Pesquisadores do Jardim Botânico de Nova Iorque estão estudando uma espécie da família da goiaba, ("myrtaceae"), o camucamu ("myciaria dubia") que tem conteúdo de vitamina C trinta

maior que a laranja. Camu-Camu é um arbusto do igapó mata cheia de água) de águas pretas, nas margens dos lagos. Existem grandes extensões

stem ndes

de camucamu com outras poucas espécies
vegetais. Outras monoculturas
naturais incluem a palmeira açaí
("Euterpe olerácea") e a palmeira
Inajá ("maximilliana"), no estado
do Pará. A natureza está dizendo
alguma coisa para nós. As plantas
nas monoculturas naturais sobrevivem sem problemas de pragas,
portanto devem constituir prioridade para pesquisa e aproveitamento racional porque a maioria
delas é útil".

Extração já foi maior no passado

Desde a descoberta da região amazônica, a extração de produtos foi sempre importante, mas é preciso, para o futuro, maiores indices de extração, além da borracha e da castanha. Estudo feito por um pesquisador do Jardim Botânico de Nova Iorque, Briam M. Boom, entre os índios Chacobo, forneceu resultados interessantes. Foi realizado um inventário florestal de um hectare nas suas matas, na Bolívia. Concluiu-se que os índios aproveitam 95 por cento (Boom 1985 A. B., 1987). Outro estudo feito por William Bales, em colaboração com o Museu Paraense Emílio Goeldi, entre os índios Tembé, no Pará, demonstrou que eles usam cem por cento das árvores e cipós do hectare inventariado. (Os Tembés serão tema de uma matéria desta série).

"Antigamente" — continua Prance — "havia maior exploração da floresta. Além de borracha e castanha tínhamos o óleo de copaíba, cumaru, sorva, óleo de andiroba, produtos que são extraídos sem destruir a floresta".

Prance defende a utilização da pesquisa nas matas de produção para torná-la mais rendosa e também criar mercado para outros produtos. Ele cita dados estatísticos que estabelecem o rendimento de uma mata de produção baseada na borracha e castanha igual ao de uma pastagem de boi, em terra firme. Com mais produtos pode até exceder (Schwartzmann, 1987).

Reservas e parques são importantes por muitas razões, além da preservação do material genético das espécies úteis. Outra delas é controlar o clima. Sem a floresta a região será muito mais seca, com menos chuvas. Sem floresta a região será alvo de muito mais imundação às margens dos rios. A Amazônia precisa de uma rede de reservas escolhidas com dados científicos para preservar o maior

número de espécies e todos os tipos de exportação: reservas na terra firme, na várzea, nos campos, caatingas e igapós.

Lembra Prance que também pode ser permitida a extração de produtos em algumas reservas porque reservas de extração conservam as espécies. Outra fonte de renda nas reservas deve ser o turismo. Os turistas não pagam dólares ou marcos para visitar áreas desmatadas com pasto e capoeira. Pagam bem para visitar mata virgem, ver árvores grandes como sapopemas, animais como macacos e capivaras e aves como araras, maguaris e tucanos. Ao lado da criação das reservas pode-se aumentar muito o turismo bem planejado, com hotéis e acampamentos nas florestas de reserva. Com material colhido junto à Cenargen, Inpa e Museu Goeldi, dedicaremos matéria especial desta série ao banco genético da Amazônia.

Falta reserva biológica

Segundo explica o biólogo Prance existe a necessidade de um maior planejamento na formação de parques e reservas na Amazônia porque muitas espécies silvestres encontram-se em áreas restritas, pequenas, como a "hevea Pauldosa" e "hevea rigidifolia". Para a preservação dessas espécies, é necessário que existam reservas onde ocorrem

as espécies selvagens.

"No momento — denuncia o biólogo Prance — nós não temos reservas biológicas na região como também não existe planejamento suficiente para a criação das mesmas, com base na distribuição geográfica de plantas importantes para o futuro das espécies que têm valor econômico". Como se pode ver pelo relato do especialista a Amazônia conta hoje com áreas devastadas e com grandes possibilidades de uma exploração racional.

No próximo domingo: A depredação da fauna aquática